

Além da
Escuridão

Michael A. Costa

Além da Escuridão, por Michael A. Costa



Capítulo 1 – O início.

Aeroporto Internacional de Gimpo, Seoul Coreia do Sul – 22:30.

Michael desce do avião com passos firmes, mas sua expressão revela o cansaço de uma alma em conflito. Aos 30 anos, sua aparência carrega o peso de quem viveu muito mais do que sua idade sugere. Ele veste uma jaqueta de couro preta, sobre uma camiseta cinza simples, e uma calça jeans escura que se ajusta perfeitamente ao seu corpo atlético, moldado por anos de treinamento militar rigoroso. Nos pés, botas militares pretas, robustas, lembram de onde ele veio — e talvez do que esteja tentando fugir. Ele carrega consigo apenas uma pequena mochila de lona, preferindo viajar leve, sempre preparado para o imprevisível. Suas mãos calejadas revelam a dureza de sua vida nas forças especiais, mas é o vazio em seus olhos que chama a atenção. O cabelo curto e negro contrasta com sua pele clara, e seus olhos castanhos, antes vibrantes, agora parecem cansados, como se tivessem visto demais para uma vida inteira.

Ainda é difícil respirar, e a dor em seu peito aperta cada vez que ele pensa no passado. Ele havia perdido tudo em questão de segundos. Sua esposa, grávida de seu primeiro filho, estava em uma

viagem para vê-lo após meses separados por seu serviço militar. Um acidente, um capricho cruel do destino, tirou dela a vida e o futuro que ele mal começava a sonhar. Incapaz de suportar a culpa e a dor, Michael abandonou o exército, sentindo que já não havia lugar para ele no mundo que conhecia.

Agora, aqui estava ele, no outro lado do planeta, tentando se esconder de suas lembranças. O ar de Seul, fresco e vibrante, não faz muito para aliviar o peso que ele carrega. Após passar pela imigração, Michael segue silenciosamente pelo terminal, observando as luzes neon e os letreiros brilhantes em coreano, que parecem gritar em um contraste gritante com a escuridão dentro de si.

Do lado de fora, o frio da noite envolve seu corpo enquanto ele levanta o braço para chamar um táxi. O motorista, um senhor de meia-idade com um sorriso tímido, pergunta para onde ele deseja ir. Michael responde com uma voz rouca e baixa, em um inglês carregado de sotaque:

"Centro da cidade, por favor. Hotel Shilla."

O táxi parte em direção às luzes de Seoul. Michael observa a cidade se desdobrar à sua frente — arranha-céus modernos entrelaçados com templos tradicionais, ruas cheias de vida, mas tudo parece distante para ele. Ele encosta a cabeça no vidro frio

da janela, deixando as luzes passarem como borrões enquanto a mente vaga, entrelaçada com memórias dolorosas. Mesmo longe, a dor ainda está lá, latente.

O táxi entra no coração da cidade, e as ruas ficam mais movimentadas. Michael respira fundo, tentando se concentrar no novo ambiente. Esta era a sua fuga, seu refúgio temporário. Ele havia vindo para Seoul buscando uma distração, algo que pudesse entorpecer as feridas, mas já começava a perceber que talvez as cicatrizes fossem mais profundas do que imaginava.

Ao chegar ao hotel, Michael paga o motorista e sai do táxi. O Hotel Shilla, imponente e elegante, brilha contra o pano de fundo da noite. Ele recolhe sua mochila do banco traseiro, a única bagagem que trouxe, e caminha em direção à entrada, sentindo o peso de sua alma em cada passo.

Dentro do lobby iluminado, o calor e a hospitalidade coreana o recebem. O mesmo realiza o check-in de forma breve e direta, evitando contato visual por mais tempo do que o necessário. A recepcionista entrega a chave eletrônica com um sorriso educado, mas ele não retribui, apenas agradece com um aceno de cabeça e segue em direção ao elevador. Enquanto as portas de metal se fecham, ele observa seu reflexo no espelho, percebendo o cansaço profundo nas linhas de seu

rosto. O efeito do fuso horário já começa a pesar, mas a mente inquieta não lhe dá trégua.

Quando chega ao quarto, simples e moderno, ele sente um pequeno alívio ao estar, finalmente, sozinho. Michael joga a mochila sobre a cama com um gesto automático e começa a retirar suas roupas. Primeiro, a jaqueta de couro, que cai pesadamente sobre a cadeira do canto. Em seguida, a camiseta, e logo ele já está descalço, os pés cansados do longo voo.

No banheiro, o vapor da água quente começa a tomar conta do ambiente, abafando o som do mundo exterior. Michael entra debaixo do chuveiro, deixando a água escorrer sobre seu corpo tenso, lavando a poeira da viagem e, com sorte, um pouco da dor que carrega no peito. O calor da água é uma pequena trégua temporária, permitindo-lhe esquecer, ainda que por alguns minutos, o fardo de suas lembranças. Seus olhos se fecham, e ele apoia as mãos contra a parede fria de azulejos, sentindo o corpo relaxar pela primeira vez desde que pisou na Coreia.

Após o banho, ele se seca rapidamente e veste uma calça de moletom escura e uma camiseta preta, ambas confortáveis. Tudo que ele quer é descansar, o peso do cansaço e do fuso horário começa a nublar sua mente.

Michael vai direto para a cama, deitando-se de costas. O colchão macio é um contraste com os duros alojamentos militares aos quais ele estava acostumado. Ele apaga a luz do abajur ao lado e fecha os olhos, esperando que o sono venha rápido e o leve para um lugar onde, por algumas horas, ele possa encontrar paz.

Mas, mesmo enquanto o cansaço físico o domina, em algum lugar profundo, sua mente continua travando a batalha contra as memórias que não o deixam em paz.

Na manhã seguinte, Michael se levanta devagar, ainda sentindo o peso do fuso horário em seus músculos. Ele caminha até o banheiro e liga a torneira, deixando a água fria correr por seus dedos antes de lavar o rosto. A sensação revigorante o ajuda a se concentrar enquanto escova os dentes e tenta afastar o cansaço remanescente. Ao terminar, ele veste roupas confortáveis: uma camisa casual de manga longa, uma calça jeans escura e seus inseparáveis coturnos. Com movimentos automáticos, penteia o cabelo curto, mantendo a aparência limpa e prática que aprendeu no exército.

Depois de se arrumar, desce até o restaurante do hotel. O ambiente é acolhedor e elegante, com uma seleção de pratos locais e internacionais. Michael se serve de um café preto forte, algumas

fatias de pão torrado e ovos, comendo em silêncio, perdido em pensamentos enquanto observa a movimentação ao redor. Terminando seu café da manhã, ele decide sair para explorar a cidade.

Ao deixar o hotel, ele sente a brisa fria de Seoul pela manhã, refrescante e cheia de energia. Michael passa o dia imerso na cultura vibrante da cidade. Ele caminha por parques tranquilos, onde o verde das árvores contrasta com o ritmo acelerado da cidade. Os prédios históricos o fascinam; templos antigos em meio à modernidade capturam sua atenção e, por um momento, ele se perde na tranquilidade que esses lugares oferecem. Entre uma parada e outra, ele se permite relaxar em cafés locais, experimentando o café coreano enquanto observa o movimento das ruas, com pessoas indo e vindo em seu ritmo frenético.

À medida que o sol começa a se pôr, tingindo o céu com tons alaranjados, Michael sente que precisa experimentar mais da vida noturna local. Ao anoitecer, ele resolve ir até um bar para ter uma noção de como é a cena em Seoul. Após alguns minutos de caminhada pelas ruas iluminadas por letreiros neon, ele encontra um bar aconchegante, pequeno, com um ar intimista e familiar.

Entrando no local, ele se aproxima do balcão e se senta em um dos bancos de madeira. O ambiente é aconchegante, com uma iluminação suave e música

ambiente baixa, o que cria uma atmosfera acolhedora. O barman, um homem jovem e amigável, se aproxima.

— Uma cerveja, por favor — pede Michael com sua voz grave e controlada, sem o menor esforço para esconder o sotaque. O barman sorri e logo coloca uma garrafa gelada à sua frente.

Michael segura a cerveja, olhando para o líquido dourado por um momento antes de levar o copo à boca. Ele toma um gole lento, sentindo o gosto fresco enquanto relaxa. Após três garrafas de cerveja, Michael sente que é hora de parar. Ele coloca o copo vazio no balcão, paga ao barman e, com um aceno discreto, se despede. Ao sair do bar, o ar noturno uma mistura de frescor e silêncio. As ruas, iluminadas pelos letreiros neon, estão tranquilas àquela hora. Michael caminha por algum tempo, perdido em pensamentos, até que algo chama sua atenção.

Um homem estranho, vestido com roupas sociais escuras e um sobretudo preto, caminha à sua frente. Há algo na maneira como ele se move — passos rápidos e furtivos — que desperta um alerta em Michael. O homem parece seguir uma jovem, que caminha alguns metros à frente. Michael estreita os olhos, analisando a situação.

A mulher que o homem segue tem pele clara como a neve, contrastando com o brilho das luzes ao redor. Seus olhos castanhos, grandes e expressivos, revelam uma mistura de determinação e inocência. Seu cabelo preto, longo e liso, cai como uma cascata elegante até suas costas. Ela está vestida com roupas casuais: uma blusa branca de manga longa e gola alta, uma jaqueta marrom claro e calça jeans escura. Nos pés, um par de botas pretas de cano baixo, práticas para o clima frio da noite. Ela parece alheia ao fato de que está sendo seguida, caminhando de forma tranquila, talvez a caminho de algum ponto de ônibus ou estação de metrô.

Michael franze a testa. Algo não está certo. O homem misterioso acelera o passo levemente, como se estivesse se preparando para agir. Michael, sem hesitar, decide segui-los discretamente, mantendo uma distância suficiente para não ser notado, mas próximo o suficiente para intervir, se necessário.

A rua por onde caminham começa a se tornar menos movimentada. É uma passagem estreita, entre dois grandes prédios, que leva até uma avenida movimentada do outro lado. O silêncio ali é mais profundo, e as sombras das construções altas tornam o local ainda mais isolado. A jovem continua seu caminho, aparentemente sem perceber a presença de seu perseguidor. No

entanto, o homem estranho aumenta seu passo de forma brusca.

O homem estende a mão e agarra o braço da mulher, puxando-a com força. Ela se vira, surpresa e assustada, tentando se desvencilhar. Sua voz sai trêmula, mas firme:

— Quem é você? O que quer comigo?

Ela tenta se defender, usando o braço livre para empurrá-lo, mas o homem a segura com força. A tensão cresce, e Michael, observando tudo de um canto escuro da rua, respira fundo, avaliando a situação. Ele quer intervir, mas precisa ter certeza de que vai fazer isso no momento certo, sem precipitações que possam agravar o que já parece uma situação perigosa.

Os instintos de Michael, desenvolvidos ao longo de anos de operações, estão em alerta máximo. Ele observa a postura do homem, os gestos, o tom de voz — algo naquela cena parece mais do que apenas um ataque aleatório. Ele pressiona as costas contra a parede, oculto pelas sombras, esperando o momento certo para agir.

O homem, segurando a jovem com força, revela suas presas afiadas em um movimento rápido, inclinando-se em direção ao pescoço dela, claramente visando a jugular. Um arremesso de puro

instinto percorre Michael, que, sem hesitar, avança com toda sua força sobre o agressor. Ele o agarra pelo ombro e o puxa violentamente para trás, jogando-o no chão com um estrondo.

O homem, surpreendido, cai, mas logo se levanta com uma calma perturbadora. Ele bate a poeira de suas roupas com uma expressão irritada, antes de fixar o olhar em Michael. Seus olhos brilham com algo que não era humano, uma espécie de predador faminto.

— Você não devia ter se metido — diz o estranho, sua voz baixa e ameaçadora. — Agora terei que te matar também.

Nesse momento, a jovem mulher, ainda assustada, mas com reflexos rápidos, enfia a mão na bolsa e saca sua arma, apontando diretamente para o agressor.

— Não se mexa! Você está preso por atacar uma oficial e por ameaça! — A voz dela treme levemente, mas há firmeza em sua postura.

O estranho, no entanto, apenas ri, um som gélido e desprovido de medo. Ele começa a caminhar lentamente em direção aos dois, ignorando completamente a arma apontada para ele. Seus olhos estão fixos nela, como se estivesse saboreando o momento.

— Eu disse para não se mexer! Vou atirar! — ela avisa novamente, sua mão firme no gatilho.

Sem hesitar, a mulher mira na perna dele e dispara. O som do tiro ecoa pela rua deserta, e o impacto faz o homem cambalear brevemente. O sangue escorre da ferida, mas, para o choque de ambos, ele continua andando, como se nada tivesse acontecido.

— O que... — A confusão surge nos olhos da jovem. Ela nunca havia lidado com algo assim antes.

Michael, percebendo que a situação está além do que eles podem controlar, avança novamente. Com um movimento preciso e cheio de força, ele desfere um chute alto direto na boca do homem. O impacto é tão forte que o estranho cai ao chão com um baque surdo, sangue escorrendo de seus lábios e das presas expostas.

— Vamos! — Michael diz com urgência, pegando a jovem pela mão e puxando-a para longe. Ela hesita por um segundo, mas logo corre ao lado dele, a adrenalina guiando seus passos.

O homem, ainda no chão, assiste enquanto os dois fogem pela rua. Ele se levanta lentamente, o sangue continuando a escorrer da perna e do rosto,

mas seu sorriso perturbador permanece. Ele limpa o sangue com as costas da mão e, não demonstra intenção de seguir os dois. Ao invés disso, ele observa, os olhos brilhando de excitação. Sabendo que os tiros atrairiam a polícia em breve, ele resolve se retirar por enquanto, mas não sem antes sussurrar para si mesmo:

— Isso vai ser divertido... a caçada apenas começou.

Michael e a jovem mulher, ofegantes, correm pelas ruas, ainda processando o que acabaram de enfrentar. Ela olha para ele, surpresa com sua intervenção, enquanto ele permanece atento, a mente trabalhando em alta velocidade. Algo naquela criatura não era natural, e ambos sabiam que essa noite estava longe de ser comum.

Agradecendo com sinceridade, Chaeyon respira fundo para se acalmar.

— Obrigada por me ajudar! Mas o que era aquele homem? Eu atirei nele, e ele parecia nem ter sentido!

Michael acena com a cabeça, sua expressão grave.

— Eu também não sei, mas parece que não é humano. Ele tinha presas, sangra, mas não sente dor e provavelmente se cura rápido, já que

conseguia andar mesmo depois de levar um tiro. Ele se parece muito com aqueles vampiros de filmes.

— Vampiro? Acha que ele pode ser um vampiro de verdade? — pergunta a jovem mulher, surpresa e um pouco assustada.

Michael olha para a arma em sua mão, avaliando a situação.

— É! Mas acredito que seja bobeira falar isso com alguém. Só irão pensar que somos loucos! — ele diz, tentando encontrar uma lógica na situação. — E acho melhor você guardar essa arma. Mesmo que, pelo que ouvi, você seja uma policial.

Ele observa enquanto ela guarda a arma na bolsa, a mente dela ainda fervilhando com o que aconteceu. Em seguida, ele estende a mão.

— Meu nome é Michael!

Ela aceita o cumprimento, um sorriso nervoso se formando em seu rosto.

— Policial Park Chaeyon! Alguma ideia do que fazer agora?

Michael observa a movimentação ao redor, pensando rápido.

— Conhece algum xamã de verdade? Ou um sacerdote, um padre! Alguém que talvez saiba como lidar com essa situação sem achar que somos loucos?

Chaeyon hesita por um momento, o olhar pensativo.

— Na verdade, conheço um padre que costuma ajudar com situações estranhas. Ele é bem respeitado na comunidade, e já ouvi rumores de que ele tem conhecimento sobre o sobrenatural. Mas não sei se ele vai acreditar na nossa história.

— Acredito que qualquer ajuda é válida agora. — Michael responde, determinado. — Precisamos encontrar esse padre e descobrir o que podemos fazer.

Chaeyon ergue a mão e acena para um táxi que se aproxima. O carro para ao lado deles, e Michael abre a porta, entrando rapidamente. Chaeyon segue logo atrás, sentando-se ao lado dele.

— Para a Igreja de São Miguel, por favor — diz Chaeyon ao motorista, que a olha pelo retrovisor, acenando com a cabeça e ligando o taxímetro.

Enquanto o táxi se afasta da rua silenciosa onde quase foram atacados, Michael e Chaeyon se

acomodam nos bancos. O silêncio é pesado, preenchido apenas pelo som do motor do carro e das ruas movimentadas de Seoul. Michael observa a cidade passar pela janela, a mente ainda trabalhando para processar tudo o que aconteceu.

Chaeyon, em contraste, tenta manter a compostura, mas a tensão em seus ombros é evidente.

— O que você acha que o padre vai dizer? — ela pergunta, quebrando o silêncio, sua voz baixa e cautelosa.

— Espero que ele leve isso a sério. Precisamos de respostas — responde Michael, sem desviar o olhar da rua.

Ela assente, sabendo que, mesmo com a fé no padre, a situação é inusitada e difícil de acreditar. O táxi avança, cortando o tráfego noturno, e, à medida que se aproximam da igreja, o edifício se ergue à sua frente, suas torres imponentes destacando-se sob a luz da lua.

Ao chegarem, o motorista para o carro e Michael paga a corrida. Eles saem do veículo e, antes de se aproximarem da entrada, Chaeyon hesita por um momento, o olhar fixo na porta da igreja.

— E se ele não acreditar na gente? — pergunta ela, a insegurança se infiltrando em sua voz.

Michael se vira para ela, sua expressão firme.

— Temos que tentar. Não temos outra opção. Precisamos entender o que está acontecendo e como lidar com isso.

Com um último olhar para a porta, Chaeyon toma coragem e avança. Eles atravessam o portão de madeira, e o interior da igreja os envolve em uma luz suave e acolhedora. O aroma de incenso permeia o ar, trazendo um contraste inesperado com a escuridão da noite que os cerca.

Eles caminham até o altar, onde um homem de cabelos grisalhos e olhar gentil está organizando alguns livros. Ele levanta os olhos ao perceber a presença deles.

— Boa noite! Como posso ajudá-los? — pergunta o padre, com um sorriso caloroso.

Chaeyon toma a frente, respirando fundo.

— Padre, precisamos da sua ajuda. Algo muito estranho aconteceu esta noite...

Michael observa enquanto ela explica rapidamente a situação. O padre escuta atentamente, e ao

mencionar o homem que parecia um vampiro, a expressão dele muda. Ele olha para os dois, agora mais sério.

— Venham, vamos conversar em particular. — O padre os leva para uma sala anexa, onde as luzes são mais baixas e a atmosfera é mais privada.

Assim que se acomodam, Michael se sente mais à vontade, mas a tensão ainda está presente. Ele percebe que, mesmo em um ambiente seguro, a ameaça que enfrentaram ainda paira sobre eles. O padre fecha a porta e se vira, olhando diretamente nos olhos de Michael e Chaeyon.

— Agora, me digam tudo o que aconteceu. Precisamos entender a natureza desse ser que vocês encontraram.

O padre observa atentamente enquanto Michael e Chaeyon explicam o que aconteceu. Seu olhar se torna sério à medida que eles detalham o ataque do vampiro.

— Este homem que vocês encontraram — ele começa, seu tom grave —, ele tinha presas e parecia não sentir dor, certo?

— Exatamente — confirma Chaeyon, lembrando-se da cena aterrorizante.

— O que mais você notou? Ele tinha alguma marca ou algo que o identificasse? — pergunta o padre, inclinando-se levemente para frente, interessado.

Michael, recordando o que viu, responde:

— Ele tinha um sorriso perturbador e um olhar que parecia quase... predador. Como se estivesse se divertindo com o que estava prestes a fazer.

O padre acena, como se estivesse juntando as peças do quebra-cabeça.

— Isso é importante. Vampiros não são apenas criaturas da noite, eles possuem uma conexão com a escuridão e podem manipular a mente de suas presas. Vocês disseram que ele parecia estar caçando você, Chaeyon.

Chaeyon assente, lembrando-se do pavor que sentiu quando o vampiro a atacou.

— Sim, e ele estava prestes a morder meu pescoço. Foi horrível!

O padre então cruza os braços, seu olhar se intensificando.

— Escutem, não subestimem esses seres. Eles não são afetados por crucifixos ou água benta. As crenças populares muitas vezes são distorcidas. O

que realmente funciona contra eles são balas de madeira no coração ou decapitação com prata.

Nesse momento, um frio cortante percorre a igreja, e as luzes começam a piscar. O padre franze a testa, olhando em volta.

— Não temos muito tempo! — grita ele, uma expressão de urgência no rosto. — No armário, rápido!

Michael não hesita e corre até o armário. Ele abre a porta e fica surpreso ao ver uma variedade de armas dentro. Pistolas, facas, e uma espada reluzente feita de prata, todas dispostas de maneira metódica.

— Pegue a espada! — instrui o padre. — É a única coisa que pode realmente matá-lo se acertar o pescoço.

Sem pensar duas vezes, Michael pega a espada e segura-a com firmeza, sentindo o peso da lâmina em suas mãos. Chaeyon, segurando uma pistola que também estava no armário, se posiciona ao lado dele, pronta para apoiar.

Neste momento, a porta da igreja se abre com um estrondo, e o vampiro entra, seus olhos brilhando com uma malícia predatória.

— Olá, crianças... — diz ele, sua voz suave como veneno. — Eu esperava que vocês estivessem prontos para a próxima rodada.

Michael não hesita. Com um grito de determinação, ele avança em direção ao vampiro. A luta que se segue é intensa, a espada de prata cortando o ar enquanto Michael tenta encontrar uma abertura. O vampiro se esquiva com agilidade sobrenatural, rindo suavemente enquanto joga palavras venenosas em direção a Michael.

— Você realmente acha que uma espada pode me ferir?

Mas Michael é implacável, desferindo cortes rápidos e precisos. O vampiro tenta contra-atacar, usando suas garras afiadas, mas Michael consegue desviar e ataca com ferocidade. Após uma troca frenética de golpes, finalmente, em um movimento ágil, Michael consegue posicionar a espada para o golpe final.

Com um movimento rápido, ele decapita o vampiro, cuja cabeça rola pelo chão, enquanto seu corpo cai pesadamente.

Um silêncio tenso toma conta da igreja, apenas o som da respiração ofegante de Michael e Chaeyon quebrando a calma que se seguiu. O padre, em

estado de choque, observa a cena, ainda processando o que acabou de acontecer.

— Vocês conseguiram... — ele murmura, com uma mistura de admiração e alívio.

Chaeyon olha para Michael, seus olhos brilhando de incredulidade e gratidão.

— O que fazemos agora?

Michael se recupera, ainda segurando a espada ensanguentada.

— Precisamos descobrir se há mais vampiros por aí. Isso pode ser apenas o começo.

Michael se abaixa próximo ao corpo do vampiro, analisando cada detalhe, em busca de pistas que possam indicar a presença de mais criaturas como ele. A pele do vampiro, agora pálida, não revela nenhum sinal de vida.

O padre, observando a busca de Michael, aproxima-se e diz:

— Provavelmente há! Eles são como abelhas; deve haver um ninho por perto. Não acredito que irão atacar novamente hoje, mas com certeza vão querer vingar esse vampiro que vocês mataram.

Ele então se afasta por um momento e retorna com uma caixa que parece um pouco pesada.

— Vou dar algumas dessas armas para vocês, além de balas de madeira e balas de prata. — O padre começa a organizar os itens enquanto fala. — E também vou dar um caderno com algumas anotações minhas sobre esses seres e outros que sei que existem.

Michael e Chaeyon observam atentamente enquanto ele coloca as armas e as balas na caixa. O peso das responsabilidades está começando a se instalar sobre eles.

— Porém, devemos nos separar. Eu irei para outra igreja por segurança, e vocês devem encontrar um local seguro para ficarem por um tempo, enquanto leem minhas anotações e aprendem a se proteger. Dentro de duas semanas, entrarei em contato novamente com vocês.

O padre então pega um pedaço de papel e escreve seu número de telefone, entregando-o a Michael.

Chaeyon, pensativa, diz:

— A casa da minha avó fica em Goyang. Acho que podemos ficar lá esses dias por segurança.

Michael concorda, percebendo que o lugar pode ser a melhor opção, longe da confusão da cidade. No entanto, Chaeyon parece hesitar.

— Devo avisar ao meu chefe sobre o ocorrido? — pergunta ela, preocupada.

O padre balança a cabeça, sua expressão grave.

— Não! Diga apenas que ocorreu uma emergência e que você precisará ficar fora por uma semana. O menos que você disser, melhor. Se houver mais vampiros por aí, eles podem querer saber o que aconteceu e a última coisa que precisamos é que eles descubram sua identidade.

Após se equiparem com as armas e as anotações, eles se despedem do padre, que se afasta, desaparecendo na escuridão da noite. Michael e Chaeyon trocam olhares determinados, conscientes de que a batalha está apenas começando.

Ao saírem da igreja, Michael e Chaeyon notam um carro parado ao lado de fora, com a porta aberta. Michael franze a testa, sua intuição gritando que aquilo pode ser importante.

— Esse deve ser o carro que aquela criatura deveria estar usando. Vamos usá-lo por enquanto. Pelo menos para deixar a cidade.

Chaeyon concorda com um aceno, seus olhos cheios de determinação e uma pitada de nervosismo. Eles se aproximam do veículo e, ao entrarem, Michael nota que a chave está na ignição.

— Você dirige! — ele diz, passando o lugar para ela.

Chaeyon engole em seco, mas assume a direção, seu coração acelerado enquanto liga o motor. Eles seguem pela estrada deserta, um silêncio tenso preenchendo o ar entre eles.

Depois de alguns minutos, Chaeyon quebra o silêncio com uma risada suave.

— Eu nunca pensei que sairia com um cara que acabei de conhecer e ainda o levaria para passar duas semanas comigo na casa da minha falecida avó!

Michael, surpreso, solta um leve sorriso, admirando a coragem dela em tentar trazer um pouco de leveza à situação.

— Não se preocupe, eu não vou fazer nada de estranho. — ele responde, tentando deixar o clima mais descontraído.

A estrada avança em meio a sombras das árvores, e o clima fica mais leve, mas a realidade do que aconteceu naquela noite ainda pesa sobre eles. Chaeyon dá uma rápida olhada para Michael enquanto dirige.

— Então, o que você costuma fazer quando não está enfrentando vampiros? — ela pergunta, sua curiosidade se intensificando.

Michael reflete por um momento.

— Antes disso, eu era capitão das forças especiais. Sempre estive em situações complicadas, mas nada que envolvesse seres sobrenaturais. Isso é completamente novo para mim.

Chaeyon ergue uma sobrancelha.

— Forças especiais? Você tem mais experiência do que eu esperava.

— A vida me ensinou a me preparar para o inesperado, mas isso é diferente. Nunca estive tão perto da morte assim... e também de algo que não posso explicar.

Chaeyon concorda, a seriedade voltando por um instante.

— Eu só espero que consigamos descobrir mais sobre esses vampiros antes que eles venham atrás de nós novamente.

Michael observa o caminho à sua frente, seus olhos determinados.

— Nós vamos descobrir, Chaeyon. E vamos estar prontos para o que vier.

Enquanto a estrada se estendia diante deles, a tensão da noite anterior começava a se dissipar, dando espaço a uma conversa mais leve. Chaeyon olha para Michael, com seu coração batendo um pouco mais rápido.

— Então, você realmente acha que aquele vampiro poderia ter matado alguém? — ela pergunta, tentando desviar do assunto sério.

Michael pensou por um momento antes de responder.

— Sim, e não só ele. Se há mais como ele, o que mais podem fazer? Eles não são como os monstros dos filmes. Isso é real, e isso é perigoso.

Chaeyon franziu a testa, mas depois deu um sorriso desajeitado.

— Bem, se tivermos que enfrentar mais deles, é bom saber que tenho um ex-capitão de forças especiais ao meu lado.

Michael riu levemente, o som ecoando suavemente no interior do carro.

— Você está se esquecendo que sou um novato no campo sobrenatural.

Chaeyon hesitou, a luz do painel iluminando seu rosto. Havia um brilho em seus olhos, uma mistura de admiração e uma curiosidade que não podia ser ignorada.

— Bem, você parece ter o que é preciso. O que eu quero dizer é que você... — ela se interrompe, corando levemente. — Você parece forte. E um pouco... misterioso.

Michael olhou para ela por um instante, percebendo a sutilidade nas palavras dela. Ele sorriu de volta, mas com uma pitada de seriedade.

— E você parece alguém que não tem medo de enfrentar o desconhecido. Isso é admirável.

O olhar deles se cruzou por um momento, a conexão aumentando no ar. Chaeyon sentiu uma onda de calor, mas rapidamente desviou os olhos de volta para a estrada.

— Talvez nós dois sejamos um pouco mais corajosos do que pensamos.

O carro deslizou em uma curva, e logo eles avistaram a casa da avó de Chaeyon, uma estrutura modesta cercada por árvores altas. Ao chegarem, ela desligou o motor e olhou para Michael.

— Vamos arrumar isso para passar a noite.

Ao entrarem na casa, a atmosfera era de um aconchego nostálgico, mas também de uma leve tristeza. Chaeyon começou a limpar a poeira dos móveis enquanto Michael abria as cortinas, permitindo que a luz da lua entrasse.

— Ela sempre dizia que uma casa precisa de luz e alegria. — Chaeyon comentou, sua voz suave, quase perdida em lembranças.

Michael assentiu, sentindo-se à vontade no ambiente.

— Ela está certa. — ele respondeu, um sorriso sincero surgindo em seus lábios. — Vamos deixar isso mais acolhedor.

Juntos, passaram a noite arrumando o lugar, compartilhando histórias sobre a avó de Chaeyon e

suas experiências na polícia. A conexão entre eles se aprofundava enquanto riam e trocavam olhares.

Nos dias seguintes, eles dedicaram-se a ler as anotações do padre, revelando informações sobre os vampiros e outras criaturas sobrenaturais.

— Olha isso! — Chaeyon exclamou em um dos dias, apontando para uma ilustração. — Parece que existem criaturas diferentes.

Michael se inclinou mais perto, seus ombros se tocando. O contato era sutil, mas a eletricidade entre eles era palpável.

— E aqui diz que precisamos treinar nosso combate. Isso pode ser útil. — ele sugeriu, sua voz firme.

Eles se moveram para o quintal, onde um espaço era ideal para um treino. O clima estava ameno, e o céu azul era uma mudança bem-vinda em relação à tensão das noites anteriores.

— Certo, mostre-me o que você sabe! — disse Michael, com um sorriso desafiador.

Chaeyon ergueu uma sobrancelha, com um ar de confiança.

— Prepare-se!

A luta começou de forma brincalhona, com risadas e provocações. Michael a encorajava a dar o melhor de si, e logo os dois estavam se movimentando com mais agilidade. O som de seus risos se misturava ao vento, e o ambiente carregava uma energia nova.

Em um momento de pausa, Chaeyon encarou Michael, a respiração acelerada, os olhos brilhando com determinação e um toque de vulnerabilidade.

— Você realmente se preocupa com isso, não é? — ela disse, sua voz mais suave.

Ele não desviou o olhar, capturando o momento.

— Sim, eles estão matando pessoas inocentes, Chaeyon.

Chaeyon arranhou a garganta, disfarçando a intensidade do momento, e disse:

— É! E já era nosso trabalho proteger as pessoas, agora só vamos mudar o inimigo.

Michael assentiu, um sorriso divertido no rosto, como se a leveza de suas palavras conseguisse dissipar a gravidade da situação.

— Acho que vou me acostumar a isso. Protegendo pessoas de criaturas que pensávamos que só existiam em filmes.

— Exatamente! Quem diria que meu primeiro grande caso como policial seria assim? — Chaeyon respondeu, a empolgação em sua voz, apesar do que estava em jogo.

Com a rotina estabelecida, os dias se desenrolaram tranquilamente. Eles passaram as manhãs lendo as anotações do padre, aprendendo sobre fraquezas dos vampiros, e as tardes se dedicando a treinar. Michael ensinava Chaeyon a lutar, e em troca, ela o ajudava a se familiarizar com a cultura local.

A casa da avó de Chaeyon tornou-se um refúgio não só de segurança, mas também de aprendizado e crescimento. Entre os treinos e as leituras, eles compartilhavam histórias e risadas, fortalecendo cada vez mais a conexão entre eles.

Mas, mesmo com a companhia um do outro, havia a expectativa crescente pela ligação do padre. Ambos sabiam que, assim que ele ligasse, suas vidas tomariam outro rumo.

Uma noite, enquanto estavam sentados na sala, Michael olhou para Chaeyon, que estava concentrada em anotações.

- Você já pensou no que fará depois disso tudo?
- ele perguntou, quebrando o silêncio.

Chaeyon hesitou, pensativa.

- Sinceramente? Não. Eu sempre quis ser policial e ajudar as pessoas, mas nunca pensei que me envolveria em algo tão... sobrenatural.

- E se tudo isso acabar? O que você vai fazer? — ele insistiu, intrigado.

Ela olhou para ele, os olhos brilhando sob a luz suave da sala.

- Acho que vou ter que repensar minhas prioridades. A vida é curta demais para não explorar o que realmente importa. E eu... bem, eu gostaria de continuar ajudando as pessoas.

Michael a observou por um momento, admirando não apenas sua determinação, mas também a vulnerabilidade que ela revelava.

- Você já está ajudando.

Chaeyon sorriu, um pouco tímida.

- Eu sou apenas uma policial tentando fazer o que posso.

Os dias passaram assim, entre treinos e conversas profundas, mas a expectativa pela ligação do padre aumentava. A cada dia, a sensação de urgência crescia, mas também a familiaridade entre eles.

Finalmente, em uma tarde ensolarada, enquanto Michael e Chaeyon estavam no quintal praticando um movimento de defesa pessoal, o telefone tocou.

Chaeyon correu para atender, e o coração de Michael acelerou com a possibilidade de novas informações.

— Alô? Padre?

O olhar dela se tornou sério enquanto ouvia, e Michael se aproximou, a tensão no ar se intensificando.

— O que aconteceu? — Chaeyon perguntou, a voz carregada de preocupação.

Enquanto a conversa avançava, Michael não podia deixar de notar a determinação em seu rosto e a forma como ela parecia pronta para qualquer desafio.

Ele se preparou, certo de que a verdadeira batalha ainda estava por vir.

Capítulo 2 – Nova vida.

Goyang, Coreia do Sul – 10:23.

Chaeyon olha para Michael, a expressão dela mudando de alívio para confusão enquanto ouve as palavras do padre.

— O quê? Eles deixaram a cidade? — pergunta, incredulidade em sua voz.

O padre continua:

— Sim. Eles parecem ter se espalhado para outras áreas. Mas não se preocupem, a situação está mais tranquila por enquanto. Se vocês quiserem, podem ficar aí mais um tempo para se recuperarem. Ou, se preferirem, podem me ajudar com outros casos que também precisam de atenção.

Chaeyon morde o lábio, pensativa.

— O que você acha, Michael? Deveríamos ajudar o padre ou ficar aqui para nos prepararmos para qualquer eventualidade?

Michael pensa por um momento.

— Acho que é importante ficarmos preparados. Se esses vampiros estão por aí, eles podem voltar a qualquer momento. Mas, por outro lado, ajudar o padre pode nos dar mais experiência e informações sobre o que estamos enfrentando.

Chaeyon assente, absorvendo as palavras dele.

— É, você tem razão. E quanto mais tempo ficarmos parados, mais vulneráveis estaremos. Eu só... não quero que isso se torne mais perigoso do que já é.

Ele sorri levemente, tentando aliviar a tensão.

— Eu também não quero. Mas, se decidirmos ajudar o padre, precisamos estar prontos para o que vier. E, honestamente, isso me parece mais emocionante do que ficar esperando.

Ela olha nos olhos dele, a intensidade do momento criando uma conexão.

— Então, vamos ajudar o padre.

Michael assente, sua determinação se fortalecendo.

— Perfeito. Vamos nos preparar e ver o que mais podemos aprender.

Chaeyon termina a ligação com o padre, a preocupação em seu rosto agora misturada com uma pitada de curiosidade.

— Ele mencionou duas mortes estranhas em Paju. Dois homens supostamente foram atropelados pelos próprios carros em uma reta.

Michael levanta uma sobrancelha, intrigado.

— O que mais ele disse?

— Ele suspeita que pode ser um fantasma. — responde Chaeyon, incredulidade na voz dela.

Michael faz uma pausa, observando sua reação, e franze a testa, lembrando-se das anotações que tinham lido.

— Na verdade, eu li sobre isso no caderno que o padre nos deu.

Chaeyon, curiosa, se aproxima e pega o caderno, folheando as páginas até encontrar a seção que fala sobre fantasmas.

— Olha aqui! — ela diz, apontando para a anotação. — Diz que os fantasmas são suscetíveis a sal grosso e ferro puro. E para derrotá-los, precisamos queimar seus ossos.

Chaeyon observa enquanto Michael se move rapidamente pela sala, pegando duas espingardas e enchendo-as com sal grosso.

— Então vamos preparar essas armas. Se estamos lidando com um fantasma, pelo menos teremos alguma proteção.

Ele olha para ela com uma expressão séria, mas seu tom é mais leve.

— Mas antes de queimarmos ossos, precisamos ir até lá e investigar tudo primeiro. Não podemos agir sem saber o que está acontecendo, e quem é o fantasma.

— Certo! — Chaeyon concorda, um pouco mais animada com a ideia de agir. — Devemos ser cuidadosos. Se realmente for um fantasma, não sabemos o que esperar.

Michael assente, verificando as armas e a munição.

— E vamos precisar de algo mais além das espingardas. O que mais temos?

Chaeyon sorri, lembrando-se da segurança que eles haviam preparado na casa de sua avó.

— Temos algumas facas na cozinha e um pouco de óleo, que podemos usar para queimar o que encontrarmos.

— Perfeito! Então vamos nos preparar e seguir para Paechon. — diz ele, agora com um semblante de determinação.

Com as armas prontas e o plano traçado, Chaeyon e Michael partem para investigar.

A estrada em direção a Paechon parece longa, mas a expectativa da aventura os mantém alertas.

Assim que chegam à cidade, a atmosfera ao redor muda. A tensão está no ar.

— Estamos prontos para isso? — Chaeyon pergunta, olhando para Michael enquanto estacionam o carro na estrada onde ocorreram os acidentes.

— Prontos ou não, temos que descobrir o que está acontecendo. Vamos em frente. — ele responde, um brilho de coragem nos olhos.

Michael e Chaeyon descem do carro, a tensão pairando no ar enquanto observam a estrada. Michael se abaixa para examinar o chão, seus olhos atentos em busca de qualquer sinal que possa passar despercebido por outros. Ele se afasta um

pouco, afastando folhas e detritos, até que avista algo incomum.

— Chaeyon, acho que isso é ectoplasma! — ele exclamou, apontando para uma espécie de gosma azul no chão. — Lembro de uma descrição no caderno, nas páginas que falam sobre fantasmas.

Chaeyon se aproxima, seu olhar fixo na gosma.

— Então é realmente um caso para nos cuidarmos. — Ela suspira, preocupada. — Como vamos seguir? Não tenho jurisdição aqui, e não dá para fazer que nem nos filmes, em que os caçadores se passam por agentes da lei!

Michael se levanta, pensando rapidamente.

— Primeiro, precisamos pesquisar notícias sobre essa estrada e buscar qualquer tipo de morte violenta que possa ter acontecido aqui. Assim, iremos descobrir quem é o fantasma.

Chaeyon assente, seu olhar determinado.

— Certo. Podemos usar o meu celular para procurar notícias.

Eles se afastam um pouco da estrada, encontrando um lugar onde podem se sentar e usar o telefone.

Chaeyon digita rapidamente, sua mente correndo enquanto procura informações.

— Encontrou algo? — ele pergunta, curioso.

Chaeyon assente, sua expressão mudando para uma mistura de surpresa e pesar.

— Sim, olha isso. — Ela gira a tela do celular para mostrar um artigo. — Aqui diz que há alguns anos, uma garota foi atropelada nesta estrada. O motorista fugiu do local sem prestar socorro. A vítima, uma adolescente de apenas 17 anos, acabou falecendo devido aos ferimentos.

Michael se aproxima, examinando as informações.

— Isso é horrível. E o motorista nunca foi encontrado?

— Pelo que estou lendo, não. A polícia fez uma investigação, mas não houve testemunhas, e as câmeras de segurança da área estavam fora de operação. — Chaeyon suspira, sua mente processando a informação. — A garota se chamava Yuna. Dizem que ela era muito querida na comunidade.

A empatia de Michael se intensifica, percebendo a conexão com a tragédia.

— E se o espírito dela ainda estiver aqui, preso pela dor de ter sido abandonada?

Chaeyon balança a cabeça, pensativa.

— Parece possível. Se ela foi deixada para morrer, talvez esteja buscando vingança contra o motorista que nunca se importou.

Michael franze a testa, a seriedade da situação se tornando cada vez mais clara.

— Precisamos descobrir mais sobre essa Yuna. Se formos capazes de entender sua história, talvez possamos ajudá-la a encontrar paz.

Chaeyon concorda, um novo senso de determinação surgindo dentro dela.

— Sim, precisamos falar com alguém que conheceu Yuna. Talvez amigos ou familiares. Eles podem nos dar pistas sobre o que aconteceu depois do acidente.

Com isso, eles se levantam e seguem para a cidade, prontos para procurar mais informações sobre a jovem que deixou este mundo de forma tão trágica.

Na cidade, Michael e Chaeyon se dedicam a encontrar alguém que conhecia Yuna. Eles visitam

a escola onde ela estudou e, através de fotos do anuário escolar, encontram uma amiga dela chamada Hana. Com um plano em mente, decidem ir até Hana para fazer algumas perguntas.

Chegando à casa de Hana, Michael e Chaeyon batem à porta, e uma mulher de aparência preocupada os atende.

— Oi, somos repórteres e estamos fazendo uma matéria sobre Yuna. Você se importaria de nos responder algumas perguntas? — diz Michael, com um tom amigável.

Hana hesita, mas acaba assentindo. Eles se sentam na sala, e Michael começa a fazer as perguntas.

— O que você pode nos contar sobre o que aconteceu na época do acidente?

Hana respira fundo, parecendo um pouco nervosa.

— Era um dia normal... Nós estávamos na escola, e depois, no final do dia, Yuna estava voltando para casa. Quando o acidente aconteceu na estrada. Não encontraram o culpado na época. O motorista fugiu e nunca foi identificado.

Chaeyon troca um olhar significativo com Michael, percebendo que isso se encaixa com o que haviam descoberto.